Capítulo 6

O desenvolvimento do lar nacional judaico (até 1929)

Alexandre Lissovsky

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LISSOVSKY, A. *2000 anos depois: o renascimento de Israel* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. O desenvolvimento do lar nacional judaico (até 1929). pp. 165-180. ISBN: 978-85-7982-003-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

CAPÍTULO 6

O DESENVOLVIMENTO DO LAR NACIONAL JUDAICO (ATÉ 1929)

O verdadeiro milagre da Palestina é o judeu que conhece o trabalho do pomar e do jardim, do campo e do vinhedo, da pedreira e do porto, da água e da energia, da fábrica e da oficina, da estrada e do atalho. Essa espécie de judeu a Diáspora nunca produziu.

Ben-Gurion

Embora à custa de interrupção na sequência narrativa da obra, julgamos perfeitamente justificável a inclusão deste capítulo. O Estado Judeu não surgiu do vácuo; não foi (como a Transjordânia) uma criação artificial e arbitrária. Mais de um quarto de século antes da independência já seus alicerces se encontravam firmemente lançados. E a evolução, não obstante obstáculos e empecilhos de toda espécie, veio se mantendo constante. Neste sexto capítulo procuraremos dar uma ideia – ainda que pálida, pois necessariamente resumida – dessa evolução, caminho lógico que conduziu, ao lado de uma atividade política também incansável, à libertação nacional.

Os esforços principais concentraram-se na agricultura, o que não é de causar admiração uma vez que o cultivo do solo constituía um dos fundamentos do Lar Nacional. No estabelecimento de novas colônias agrícolas destacou-se, além da própria Organização Sionista, a Palestine Jewish Colonization Association, então sob a presidência de James de

Rothschild. Foi igualmente essa instituição a pioneira na perfuração de poços para fins de irrigação, devendo-se-lhe também numerosas e extensas plantações de eucaliptos bem como grandes obras de drenagem, que muito contribuíram para a melhoria das condições de saúde pública (realmente assustadoras, pois, segundo depoimentos da época, a malária e a febre amarela eram em certas partes do país tão comuns quanto um simples resfriado).

O desenvolvimento agrícola mais notável ocorreu no cultivo de frutas cítricas – laranjas, limões, toronjas – que se tornaram em bem pouco tempo o principal produto de exportação¹. Cultivavam-se também outras frutas, e legumes, havendo ainda criação de gado e avicultura, tudo de acordo com os processos mais modernos.

Entre os diversos tipos de colônias agrícolas então fundadas merece especial destaque a que se chamou kvutzah (palavra hebraica significando “grupo”)². Era a kvutzah – já tivemos ocasião de mencioná-lo no capítulo III – propriedade coletiva do grupo nela estabelecido, regendo-se todas as suas atividades por princípios coletivistas. O trabalho é dividido entre os membros, que não recebem qualquer salário. Afirma o Dr. Henrik F. Infield, grande autoridade em cooperativismo; “O impulso que criou a kvutzah e expandiu o número de seus membros num ritmo cada vez maior é o sentido de uma missão histórica. Esta missão acha-se implícita no sionismo... O sentido de missão histórica deu ao trabalho uma beleza ética”. É importante notar que os membros de uma kvutzah se estabeleciam na mesma por sua livre e espontânea vontade, sem qualquer espécie de pressão externa.

Será sem dúvida interessante uma descrição, mesmo sumária, do modo de vida nessas colônias, tão bem qualificadas pelo sociólogo francês Georges Friedmann como constituindo “ao mesmo tempo a mais audaciosa incursão lançada pelo homem rumo à utopia social e a contribuição específica dos judeus à realização dos ideais comunitários”. Refeições feitas em comum em amplo refeitório. Para os solteiros dormitórios coletivos, casados com direito a quarto separado (crianças pequenas juntas num dormitório infantil). As colônias maiores com escolas próprias. Em todas.

¹ Em 1927 a exportação de frutas cítricas já representava 43% das exportações totais do país (essa percentagem elevar-se-ia para 56% em 1931 e 74% em 1935).

² Da kvutzah se derivou, por ampliação, o já tão conhecido kibbutz.

porém, uma sala para reuniões ou recreação (muitas vezes era o próprio refeitório), onde se realizavam frequentes conferências e concertos, e uma biblioteca. A Assembleia Geral (composta por todos os membros da kvutzah) planeja um esboço geral dos trabalhos a serem realizados, e um Comitê de Atribuição de Trabalho (comumente formado por cinco membros eleitos anualmente) designa as tarefas diárias a serem cumpridas individualmente.

Cada membro, em troca de seu trabalho, recebe não só alimentos, roupa e abrigo, mas também recreação, assistência médica, educação para si próprio e seus filhos, e cuidados para seus pais. Isso tudo distribuído exclusivamente de acordo com o que haja disponível, independente da quantidade e qualidade do trabalho realizado individualmente. Fica assim a todos assegurada a subsistência numa base que exclui qualquer espécie de concorrência. Com tal sistema as preocupações econômicas deixam de ser preocupações individuais para se tornarem preocupações coletivas, ficando grandemente estimulada a responsabilidade social. Diz o Dr. Infield: “O senso dessa responsabilidade influencia profundamente a vida da kvutzah. Determina a atitude dos membros quanto a deveres e privilégios. É a base da escala de valores sociais”. E ainda: “Até mesmo um baixo nível de vida será melhor aceito quando não implica em fracasso pessoal ou inferioridade”.

É óbvio, contudo, que esse modo de vida – inteiramente voluntário, convém não esquecer – exige uma série de atributos incomuns (autodisciplina rigorosa, desprezo por vantagens pessoais, tolerância mútua, etc.). Diante da dificuldade de adaptação sentida, muito compreensivelmente, por não poucos colonos, criou-se um novo tipo de colônia agrícola, denominado moshav, representando um meio termo entre a propriedade privada e a colônia coletiva. No moshav cada colono possui um pequeno terreno (o suficiente para ser cultivado por uma família) com uma pequena casa; os colonos, porém, colaboram entre si, as compras e vendas são feitas em conjunto, e como na kvutzah não existe trabalho assalariado³.

A importantíssima tarefa de reflorestamento, imprescindível para deter a erosão, foi empreendida com afincos pelo Fundo Judaico, que

³ O primeiro moshav foi o de Nahalal (fundado em zona pantanosa próxima de Nazaré em setembro de 1921), logo seguido por muitos outros.

promoveu o plantio de centenas de milhares de árvores em áreas até então destituídas de vegetação. (Coube também ao Fundo Nacional Judaico popularizar o tão belo quanto útil hábito – ainda hoje em grande uso em Israel – do plantio de bosques como homenagem a vultos ilustres ou beneméritos.).

Para a indústria muito contribuiu a vinda de milhares de imigrantes judeus das mais variadas profissões. Antes da moderna recolonização judaica da Palestina não havia ali nenhuma indústria digna desse nome. Existiam apenas, e mesmo assim sob forma bastante rudimentar, algumas velhas fábricas de sabão em Nablus e uns poucos moinhos de trigo em Jaffa e Haifa, além de produção de vinho e fabricação de artigos religiosos. Comenta o Dr. Lowdermilk:

A tarefa de criar indústrias modernas na Palestina não era menos formidável que a de introduzir ali uma agricultura em suas terras velhas e desgastadas. Um mercado interno extremamente limitado, condições anormais de crédito, ausência de proteção tarifária e muitas outras desvantagens sérias tiveram de ser superadas. Também não havia o desenvolvimento de um século de artes e ofícios como o que precedera e estimulara o crescimento da indústria moderna na Inglaterra, França e Alemanha. Na falta dessa tradição técnica países novos como a Austrália e a Argentina receberam para suas indústrias apoio governamental – mas tal auxílio tem faltado quase inteiramente na Palestina.

As construções tomaram forte impulso com o rápido crescimento da população judaica nas quatro principais cidades palestinas – Jerusalém, Jaffa, Haifa e Tel Aviv, especialmente nesta última, cuja população em 1929 já atingia a 40.000 habitantes.

Em 1926 realizou o Executivo Sionista um censo das indústrias judaicas na Palestina. Ficou então constatada a existência de 558 estabelecimentos empregando 5.700 indivíduos, e abrangendo as seguintes categorias principais: materiais de construção (pedreiras, cimento, tijolos, ladrilhos), tecidos, couros, madeiras, indústrias químicas (sabão, fósforo, tintas, fertilizantes, etc.), papel, indústrias metalúrgicas, e indústrias alimentícias (moinhos, panificações, óleos comestíveis, laticínios, conservas, etc.). Fora dessas categorias havia ainda fábricas diversas, como de cigarros, dentes artificiais e guarda-chuvas. Dentre elas merece especial destaque a fábrica de dentes artificiais, estabelecida no ano de 1926 em Tel

Aviv por um judeu americano; os seus produtos, de excelente qualidade, eram exportados principalmente para a Grã-Bretanha (o valor dessa exportação – que em 1927 já era de 1.000 libras – foi crescendo de ano para ano, e em 1931 já ultrapassava 16.000 libras)⁴.

Não podemos deixar de mencionar aqui o muito que se fazia em matéria de assistência a trabalhadores. A Organização Sionista tinha um Departamento Trabalhista entre cujas atribuições figuravam: conseguir emprego para trabalhadores de acordo com a especialidade de cada um; organizar centros de aprendizagem industrial; conceder empréstimos para construção de casas. Mas papel de muito maior relevo seria desempenhado pela Histadrut (abreviação do nome hebraico para Federação Geral dos Trabalhadores Judeus na Palestina), merecedora por isso de exame mais minucioso.

Foi a Histadrut fundada, em novembro de 1920, por ocasião de uma assembleia de trabalhadores realizada em Haifa. Contando inicialmente com cerca de 4.000 membros, expandiu-se rapidamente – em 1923 o número de seus membros totalizava 8 394, e em 1927 já atingia a 22 538⁵. Suas finalidades foram assim definidas por Ben-Gurion:

Nossa tarefa não é apenas organizar o trabalhador, mas criá-lo, treiná-lo, e trazê-lo ao país. Esforçamo-nos não só por melhorar as condições de trabalho, mas também para procurar e multiplicar as oportunidades de trabalho e possibilidades de imigração. Nosso objetivo é não só melhorar a ordem econômica vigente mas também construir na agricultura e indústria uma economia inteiramente nova. Devemos não só tornar o trabalhador um fator ativo na vida cultural e espiritual da nação, mas também criar uma nova literatura e arte. Devemos não só obter e defender seus direitos políticos, mas também estabelecer as bases de uma comunidade livre e moldar a sociedade que nela se desenvolver. A Histadrut é na concepção, essência e estrutura o instrumento dos trabalhadores para a fundação de um Estado, para a construção de um país, para a libertação de um povo.

⁴ Um novo censo, realizado quatro anos depois, revelaria que o número de estabelecimentos industriais judaicos urbanos quadruplicara, totalizando 2.274 estabelecimentos empregando quase 10.000 pessoas.

⁵ Em 1938 o número de membros da Histadrut já totalizava cerca de 104.000, o que correspondia a aproximadamente 25% da população judaica da Palestina. (Após a independência a Histadrut continuaria crescendo: em 1963 compreendia, famílias incluídas, perto de 1.500.000, ou seja, aproximadamente 3/4 da população judaica do país.).

Estabeleciam as condições de admissão que poderia ser membro da Histadrut qualquer judeu – homem ou mulher – com idade acima de 17 anos, que vivesse de seu trabalho e não explorasse outro indivíduo. (Na convenção que a Histadrut realizou em 1927 em Tel Aviv ficou decidida a criação de uma seção árabe.). Os estatutos da Histadrut mencionavam especificamente, entre outras, as seguintes atividades: organização sindical (todos os membros da federação eram ao mesmo tempo membros dos seus respectivos sindicatos); assistência médica; cooperativas agrícolas, industriais e de consumo; desenvolvimento das fazendas coletivas; estímulo à imigração de trabalhadores; colaboração com o movimento halutziano (isto é, de pioneiros, colonos) no exterior: recepção de imigrantes e arranjo de emprego para os mesmos; difusão da língua hebraica e de atividades culturais em geral entre os trabalhadores; publicação de jornais e periódicos; manutenção de relações amistosas com os trabalhadores árabes da Palestina.

A respeito desse tão imenso quanto grandioso programa, comentou o Prof. Benjamin Shwadran (da Universidade Hebraica Jerusalém):

A combinação desses variados propósitos tem apresentado problemas peculiares e tem levado a situações paradoxais. Em outros países as federações trabalhistas têm por objetivo proteger a classe existente de assalariados contra os empregadores. Na Palestina, teve muitas vezes a Histadrut de auxiliar a criar a classe trabalhadora cujos interesses iria depois defender, tendo por isso de assumir frequentemente a função de *entrepreneur*. Tinha de fixar salários, e lutar por eles. Em outros países as federações trabalhistas opõem-se em geral à imigração; na Palestina, devido à sua função de instrumento de construção nacional, deu a Histadrut sempre o mais forte apoio a uma vasta imigração judaica. Em suas relações com os árabes, não só por causa de sua ideologia socialista como também devido ao desejo de evitar a concorrência de mão de obra barata, visava elevar seus níveis de vida e salários. Empreenderam-se atividades organizadoras entre os trabalhadores árabes; ao mesmo tempo, para assegurar mais lugares aos imigrantes judeus, promoveu a Histadrut uma política de empregar somente judeus nos empreendimentos judaicos.

De muitas outras maneiras, porém, salientava-se ainda a Histadrut, quer preparando trabalhadores judeus para profissões que em outros países lhes eram estranhas (transporte marítimo, pesca, extração mineral), quer criando uma rede de associações de empréstimos a trabalhadores. Graças à

sua influência foi instituída na Palestina uma legislação trabalhista. De grande importância eram também as atividades culturais da Histadrut, entre as quais sobressaíam a educação infantil, a educação da juventude operária, e a elevação do nível cultural dos adultos.

Mantinha a Histadrut, de acordo com os seus estatutos, várias organizações, dentre as quais o primeiro lugar cabe indiscutivelmente à Kupat Holim (que poderíamos traduzir como Fundo de Auxílio-Enfermidade). Essa instituição, estendendo-se por todo o país, fornecia gratuitamente aos membros da Histadrut assistência médica e remédios, além de auxílio financeiro aos doentes; mantinha hospitais (com internação e cirurgia a preços reduzidos), ambulatórios, clínicas dentárias, serviços de raios-X e postos de puericultura. Seus fundos provinham tanto dos empregados quanto dos empregadores, e em parte também da Organização Sionista. Além da Kupat Holim, podem ser citadas: a Solei Boneh – cooperativa para construções (principalmente de obras públicas) e estabelecimento de indústrias⁶; a Hamashbir – cooperativa dos consumidores; a Tnuva – cooperativa destinada à venda dos produtos (agrícolas e de laticínios) das fazendas coletivas. Em 1925 organizou a Histadrut uma companhia dramática, a Ohel (significando “tenda”, nome apropriado, pois tratava-se de um teatro ambulante); no mesmo ano começou a ser publicado o jornal trabalhista *Davar* (Palavra), ainda hoje um dos mais importantes e influentes do país, sendo mesmo, dentre os matutinos, o de maior circulação. E finalmente uma grande associação esportiva: a Hapoel.

Um empreendimento industrial de vulto foi a Palestine Electric Corporation, fundada em 1923 por iniciativa do engenheiro Pinchas Rutenberg. Outros empreendimentos, igualmente merecedores de menção: a Cia. de Cimento Nesher, perto de Haifa, com uma capacidade de produção anual de 120.000 toneladas (suficiente para suprir a maior parte das necessidades de então do país), e que deve sua existência ao capitalista russo Michel Pollack: a Fábrica de Óleo Shemen, em Haifa, produtora de óleos comestíveis, sabonetes e perfumes; os Grands Moulins de Palestine, constituídos por três moinhos, também em Haifa, que foram estabelecidos

⁶ Devido à administração deficiente e certa precipitação nas obras empreendidas (causada pelo desejo de conseguir imediatamente trabalho para os imigrantes), a Solei Boneh faliu em 1927; restabelecida em 1934, funciona desde então com pleno êxito.

pela Palestine Jewish Colonization Association e tinham uma capacidade de produção diária de 50 toneladas de farinha. A indústria do vinho – originalmente estabelecida por iniciativa do barão Edmond de Rothschild e depois transferida para os próprios colonos – achava-se concentrada na Cooperativa dos Vinicultores de Rishon-le-Zion e Zikhron Yaakov, com uma produção anual de aproximadamente 40.000 hectolitros de vinho (havia também produção de suco de uvas concentrado e destilação de álcool extraído de uvas). Também em grande parte promovido por judeus foi o desenvolvimento dos transportes rodoviários (principalmente ônibus e caminhões).

Para a expansão do comércio muito concorreram os estabelecimentos bancários judaicos, entre os quais se destacava o Anglo-Palestine Bank. Tanto as importações (constituídas principalmente por artigos que serviam ao desenvolvimento da capacidade produtora do país, tais como maquinaria industrial, fertilizantes e madeira para encaixotamento de frutas) como as exportações, sobretudo estas, iam crescendo, mas era ainda considerável o excesso das importações sobre as exportações (em 1930 respectivamente 7.000.000 e 2.000.000 de libras). Essa balança comercial desfavorável era, contudo, compensada de maneiras várias: pelo capital trazido por imigrantes; pela renda dos investimentos que alguns imigrantes possuíam em seus países de origem; pelo dinheiro despendido por turistas e peregrinos; pelo dinheiro recebido por organizações religiosas, orfanatos e hospitais; pela renda de diversos órgãos sionistas. (Calcula-se que na década 1919-1929 o capital trazido à Palestina apenas por judeus totalizava 40.000.000 de libras.). Cumpre observar, porém, que a política tarifária governamental não favorecia o desenvolvimento nem da indústria nem do comércio exportador, pois a tarifa alfandegária da Palestina era das mais baixas do mundo.

Uma instituição de algum modo semelhante à Kupat Holim era a Organização Médica Hadassah, mantida pela Hadassah (Organização Sionista Feminina Americana)⁷. Iniciando seu trabalho na Palestina em

⁷ Uma judia americana, Henrietta Szold, foi a principal fundadora da Hadassah. Professora, exercendo também atividades editoriais, dedicava-se ainda à assistência social e à americanização dos imigrantes judeus nos Estados Unidos. Contando quase 50 anos de idade realizou sua primeira viagem à Palestina, ficando estarecida diante da miséria e das doenças que encontrou. Surgiu daí a ideia de instalar um sistema de enfermagem distrital, ideia essa que deu origem à fundação da Hadassah. Aos 75 anos, na época do nazismo, dirigiu

1918, expandiu-se grandemente, depois de reorganizada, a partir de 1921. Seu campo de atividades, muito amplo, compreendia; manutenção de cinco hospitais (em Jerusalém, Tel Aviv, Haifa, Tiberíade e Safed), com clínicas, farmácias e laboratórios anexos; um serviço médico rural abrangendo mais de 50 colônias; uma escola de enfermagem em Jerusalém; o Centro de Saúde Straus (assim chamado porque seus edifícios foram custeados por uma doação feita pelo filantropo americano Nathan Straus), inaugurado em 1929 em Jerusalém e destinado principalmente a serviços sanitários preventivos e à divulgação de informações sanitárias, inclusive sobre nutrição e higiene mental; postos de puericultura (17 em 1927); cursos práticos de higiene e nutrição em escolas; e administração de parques de recreação. Importante papel foi também desempenhado pela Hadassah no combate ao tracoma e à malária, as duas endemias principais do país. Deve-se salientar que, desde o início de suas atividades, os hospitais e clínicas da Hadassah se achavam abertos a todos, sem distinção de raça ou credo (tanto assim que o nome completo do Centro de Saúde Straus era Centro de Saúde Nathan e Lina Straus para Todas as Raças e Credos).

Pouco antes do término do período de que trata o presente capítulo, o Executivo Sionista da Palestina estabeleceu um órgão denominado Vaad Habriut (Conselho de Saúde). Tinha a finalidade de coordenar e supervisionar as atividades de todos os serviços médicos e sanitários judaicos do país, bem como manter contato com o Departamento de Saúde Pública do governo.

A melhoria das condições de saúde entre os judeus palestinos refletiu-se no índice de mortalidade, que caiu de 12,6 por 1.000 em 1924 para 9,6 por 1.000 em 1930 (em período quase idêntico o índice de mortalidade entre a população muçulmana da Palestina atingia uma média de 28,3 por 1.000). No que se referia particularmente à mortalidade infantil a queda foi ainda mais acentuada: de 105 por 1.000 em 1924 para 69 por 1.000 em 1930.

No setor da educação, a Administração britânica havia instituído na Palestina um sistema dual de instrução pública – árabe e hebraico. Mas enquanto o sistema escolar árabe era mantido e dirigido pelo governo

Henrietta Szold o movimento chamado Youth Aliyah (Imigração Juvenil), que conseguiu salvar e trazer à Palestina milhares de crianças judias. Faleceu, aos 85 anos, em 1945.

(inclusive no que dizia respeito ao recrutamento e remuneração dos professores), o sistema escolar hebraico era dirigido por um Conselho de Educação, subordinado à Organização Sionista, que assumia também a maior parte dos encargos financeiros. O governo reconheceu as escolas sionistas como constituindo o sistema escolar público hebraico, concedendo-lhe pequeno subsídio que aos poucos foi sendo aumentado até atingir no ano escolar 1928-1929 a soma de 20.000 libras (o que correspondia a 16,7% das despesas escolares do sistema hebraico naquele ano letivo). As escolas sionistas totalizavam aproximadamente 80% das escolas judaicas da Palestina, pertencendo as restantes à Alliance Israélite Universelle, à Anglo-Jewish Association, e a algumas organizações religiosas ortodoxas (nestas a língua de instrução era o iídiche, já que o uso do hebraico para fins não religiosos era encarado como profanação).

O sistema escolar sionista apresentou na década 1919-1929 um crescimento extraordinário. Em 1919 existiam no país 94 instituições de diferentes graus com cerca de 10.000 alunos; em 1929 o número de estabelecimentos de ensino sionistas já era de 220 com aproximadamente 20.000 alunos.

Compreendia o sistema educacional sionista jardins de infância e escolas elementares, secundárias, profissionais e normais. Os jardins de infância, além de sua função recreativa, serviam também como centros de saúde e instrução de higiene, e proporcionavam às crianças um primeiro contato com a língua hebraica (na maioria dos lares falava-se uma língua europeia).

As escolas elementares – cujos alunos em sua maioria provinham de classes pobres – constituíam praticamente um curso completo. Abrangiam oito anos de estudos, sendo frequentadas por crianças entre 6 e 14 anos. O estudo da Bíblia e da História Judaica ocupava lugar importante no currículo; nas quatro últimas séries, em cumprimento a uma exigência governamental, estudava-se além do hebraico uma outra língua, optativa entre o inglês e o árabe (a maioria das escolas optou pelo inglês).

As escolas ditas secundárias (frequentadas de um modo geral por elementos de classe média) não eram complemento das elementares,

constituindo o ensino nelas ministrado um curso intensivo e independente⁸. Após um período preparatório de quatro anos, ingressava a criança na escola secundária com 10 anos de idade, e nela permanecia oito anos, após os quais (aos 18 anos portanto) podia o jovem ingressar na Universidade. Apresentavam as escolas secundárias dois tipos básicos; um de caráter humanístico (no qual, todavia, não se ensinava latim e grego, mas dava-se especial ênfase ao estudo dos clássicos hebreus) e o outro com tendência mais acentuada para as ciências. Em todas, porém, ensinava-se o árabe (especialmente o de forma clássica).

Os currículos escolares eram sensivelmente influenciados pelas diferenças ideológicas entre os vários partidos sionistas. Sob esse aspecto podiam as escolas sionistas ser divididas em três categorias básicas: gerais, mizrahi (religiosas) e trabalhistas.

As escolas gerais (constituindo a maioria), embora leigas, davam grande importância ao estudo da Bíblia, encarada como base da literatura, da história e do pensamento judaicos. As escolas mizrahi, ao mesmo tempo que davam primazia aos estudos religiosos, procuravam uma síntese entre o currículo religioso tradicional e um sistema de estudos europeu. Nas escolas trabalhistas (em sua maior parte localizadas em cooperativas agrícolas) dava-se particular importância ao trabalho como elemento educativo – nas escolas das colônias agrícolas o programa diário consistia de 4 horas de estudo e 4 horas de trabalho no campo ou em oficinas.

Essa diversidade doutrinária nas escolas era objeto de severas críticas, mas uma certa unidade era assim mesmo mantida, e isso devido a fatores vários, tais como; um currículo básico estabelecido pelo Conselho de Educação, um programa mínimo instituído pelo código educacional do governo, aulas dadas em hebraico, o estudo da Bíblia ocupando uma posição central, e a circunstância de todas as escolas se acharem imbuídas da ideia do renascimento judaico e construção do lar nacional.

No ensino técnico a instituição mais importante era o já citado Instituto Técnico de Haifa, abrangendo em 1929 um departamento de engenharia civil, um curso de arquitetura e uma escola de comércio.

⁸ A frequência nas escolas elementares era bem maior do que nas secundárias – para o ano letivo 1929-1930 respectivamente 13.705 e 1.465.

A cúpula do sistema educacional judaico na Palestina era indubitavelmente a Universidade Hebraica, que compreendia em 1928 os seguintes departamentos: Escola de Estudos Orientais (em cujo currículo figuravam cursos e pesquisas sobre literatura e filologia árabe, bem como a estrutura social dos países muçulmanos, mantendo a Universidade também cursos populares destinados à divulgação da cultura árabe entre os judeus); Instituto de História Natural da Palestina; Departamento de Bacteriologia e Higiene; Instituto de Matemática; e Faculdade de Humanidades. Anexa à Universidade havia a Biblioteca, que continha em 1929 cerca de 250.000 volumes, incluindo valiosos manuscritos e incunábulos⁹. (A Universidade tomara um grande impulso a partir de 1923, ano em que começaram a chegar à Palestina numerosos professores universitários expulsos da Alemanha.).

No campo artístico-cultural o ponto alto do período considerado foi a vinda à Palestina, após vários anos de peregrinação pela Europa e Estados Unidos, da já então famosa companhia teatral Habima (palavra hebraica significando “palco”), o primeiro teatro hebreu da história, fundado na Rússia, pouco depois da derrocada do regime czarista, graças principalmente aos esforços e entusiasmo de um professor de hebraico então domiciliado em Moscou, Nahum Zernah. Na Palestina realizou a Habima¹⁰ uma temporada em 1928, após a qual retornou à Europa; voltaria, para ficar de vez, em 1931 (é atualmente – embora sem cunho oficial – o Teatro Nacional de Israel).

⁹ O núcleo dessa Biblioteca foi constituído pelos livros da Biblioteca Nacional Judaica, fundada por volta de 1900 pelo Dr. Joseph Chasanowitz, um médico de Bialistok que costumava aceitar livros raros como pagamento de seus pacientes. (O Dr. Chasanowitz morreu em 1920, na cidade de Dniepropetrovsk, num asilo para indigentes.).

¹⁰ Contando no início de suas atividades com a valiosa orientação do célebre diretor Konstantin Stanislavsky, alcançou seu primeiro grande êxito em 1922, em Moscou, com a estreia, verdadeiramente sensacional, de *O Dybbuk* de Ansky. (Relatam testemunhas do acontecimento que ao fim do espetáculo – assistido pela elite intelectual da cidade – Stanislavsky não pôde conter as lágrimas, e o famoso cantor Fiodor Chaliapin fez questão de subir ao palco e beijar os atores.).

O Ohel, mantido pela Histadrut, já foi por nós mencionado,¹¹ mas havia ainda outro, um teatro satírico: Hamatate (A Vassoura), hoje insubstituível.

Entre os jornais salientavam-se o também já citado *Davar* (órgão da Histadrut) e *Haaretz* (A Terra) – talvez o mais importante, na época, do ponto de vista intelectual e literário – de tendência moderadamente sionista-geral.

As imensas transformações ocasionadas pela colonização judaica não poderiam, evidentemente, deixar de repercutir entre os árabes. A atitude destes foi analisada no estudo sobre a Palestina publicado pela Esco Foundation:

Modernas formas de vida e de pensamento teriam criado tensões até mesmo se as transformações houvessem sido introduzidas por elementos nativos; a introdução de novas forças e ideias por um povo diferindo em religião, cultura e composição social inevitavelmente complicava o problema. A atitude dos árabes diante dos empreendimentos judeus na Palestina era assim não apenas uma reação contra uma nacionalidade ou grupo religioso diferente ou contra uma posição política oposta. Os sionistas representavam uma cultura europeia defrontando-se com uma oriental; eles constituíam uma estrutura ocupacional diferente, e refletiam uma nova orientação social. No fundo, achava-se a atitude generalizada de superioridade muçulmana em relação ao infiel.

Antes de concluirmos o capítulo queremos fazer referência a alguns acontecimentos externos, ocorridos na mesma época e relacionados com a Palestina.

No texto do Mandato para a Palestina mencionava-se, em três dos seus artigos, uma “agência judaica” destinada a cooperar com a administração do país. Assim, na Conferência Anual da Organização Sionista realizada em Karlovy Vary no segundo semestre de 1922, foi aprovada uma resolução declarando que a Organização Sionista aceitava os direitos e deveres de Agência Judaica, e manifestando o desejo de que futuramente “a Agência Judaica viesse a representar todo o povo judeu”, para o que o melhor meio seria a convocação de “um Congresso Judaico

¹¹ Como o Habima, também o Ohel se mantém em plena atividade (já agora possuindo um teatro próprio, em Tel Aviv), com um repertório de elevado nível artístico.

Mundial”, ficando o Executivo autorizado a tomar todas as medidas necessárias.

Todavia, em fevereiro de 1923, tendo em vista a dificuldade de convocar tal congresso, decidiu o Executivo entrar em negociações com representantes das principais comunidades e organizações judaicas, a fim de solicitar sua colaboração e estabelecer com os mesmos os métodos mais apropriados para a formação da projetada Agência Judaica. O Dr. Weizmann advogou com energia uma ampliação da Agência com a inclusão de elementos não sionistas, propondo que os órgãos controladores fossem formados por sionistas e não sionistas em número igual. (Disse Weizmann em sua autobiografia: “Essencialmente, embora de modo algum exclusivamente, eu tinha em mente os líderes da comunidade judaica americana”. Tal plano provocou logo violenta oposição, e a controvérsia daí decorrente agitaria a política sionista durante vários anos, constituindo um dos tópicos dominantes nos quatro congressos sionistas realizados entre 1923 e 1929 (13º – Karlovy Vary, 1923; 14º – Viena, 1925; 15º – Basileia, 1927; 16º – Zurique, 1929).

Do 14º Congresso participou um partido novo, fundado em abril de 1925 por Vladimir Jabotinsky: o Partido Revisionista. Desejavam os revisionistas uma “revisão” da política sionista, no sentido de uma volta às (segundo eles) concepções originais de Herzl a respeito do Estado Judeu; proclamavam como seu objetivo básico a obtenção de uma maioria judaica na Palestina de ambos os lados do Jordão, para o que propugnavam uma vigorosa orientação nacionalista (estava implícita nesse objetivo a devolução da Transjordânia à Palestina)¹². Por ocasião desse Congresso o edifício onde o mesmo se realizava teve de ser protegido pela polícia austríaca com forte cordão de isolamento, devido a violentas manifestações antisemitas organizadas por elementos nazistas.

No 16º Congresso foi aprovada, por grande maioria (231 contra 30), a ampliação da Agência Judaica nos termos propostos pelo Conselho Geral da Organização Sionista, reunido no ano anterior em Berlim. Havia sido sugeridas pelo Conselho as seguintes bases: a) todas as terras adquiridas pela Agência Judaica tornar-se-iam propriedade comum do povo judeu,

ficando sujeitas aos princípios do Fundo Nacional Judaico; b) deveria ser preservado o direito dos colonos escolherem a forma de colonização de sua preferência (kvutza, moshav, ou outra); c) promoção da imigração judaica na Palestina, devendo receber as necessárias facilidades para se estabelecerem tanto os imigrantes trabalhadores quanto os com recursos próprios; d) o princípio do trabalho judaico deveria ficar assegurado em todas as obras e empreendimentos promovidos pela Agência Judaica; e) desenvolvimento da língua e cultura hebraicas.

A 11 de agosto de 1929, ainda em Zurique e imediatamente após o encerramento do Congresso, foi aberta a primeira sessão do Conselho da Agência Judaica ampliada, com a participação, em número igual, de sionistas e não sionistas. À mesa achavam-se ilustres figuras do mundo judeu: Weizmann e seus veteranos colegas Sokolow e Ussishkin, Sir Herbert Samuel, Prof. Albert Einstein, Lord Melchett (um dos líderes da indústria britânica), Léon Blum, Louis Marshall (presidente do American Jewish Committee), Sir Osmond d’Avigdor-Goldsmid (presidente do Anglo-Jewish Board of Deputies), o financista alemão Oscar Wassermann e o conhecido escritor Scholem Asch. Estavam também presentes representantes do governo suíço e da Liga das Nações. Para a presidência da Agência Judaica foi eleito o Dr. Weizmann (poucos dias antes fora ele reeleito presidente da Organização Sionista).

Teria a Agência Judaica três órgãos dirigentes (todos formados por número igual de sionistas e não sionistas): um Conselho de 200 membros (correspondendo ao Congresso Sionista, deveria reunir-se cada dois anos), um Comitê Administrativo de 40 membros (devendo reunir-se, as circunstâncias permitindo, cada seis meses), e um Executivo de 8 membros. O presidente da Organização Sionista seria também o presidente da Agência Judaica, exceto se 3/4 dos membros do Conselho votassem contra. Os escritórios executivos da Agência ficariam em Jerusalém, mas haveria também um escritório em Londres, especialmente encarregado dos negócios entre a Potência Mandatária e a Agência. O Keren Hayesod seria o principal instrumento financeiro da Agência. Convém notar que embora a Agência Judaica assim ampliada assumisse as principais tarefas relacionadas com o

¹² Outra exigência dos revisionistas era a restauração da Legião Judaica, como parte integrante, porém distinta, da guarnição britânica na Palestina.

estabelecimento do Lar Nacional Judaico, isso não acarretaria, na prática, uma redução apreciável no volume de atividade de Organização Sionista¹³.

Em carta datada de 16 de setembro de 1929, o Executivo Sionista informava o governo britânico a respeito dessa reconstituição da Agência Judaica. Mas como em quase tudo que dissesse respeito, de modo positivo, ao Lar Nacional Judaico, não demonstraram os ingleses a menor pressa, e foi só onze meses depois, em comunicação datada de 6 de agosto de 1930, que o Colonial Office notificou o Executivo Sionista quanto ao reconhecimento formal da Agência ampliada.

Voltemos, porém, à Palestina.

¹³ Até então as palavras “Agência Judaica” podiam ser usadas como sinônimo de Organização Sionista, mas a partir de agosto de 1929 Agência Judaica e Organização Sionista passaram a ser, formalmente, denominações de instituições distintas, embora estreitamente relacionadas entre si.